

VULTOS DA HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA

ROCHA POMBO (1857-1933)

As novas gerações praticamente não o conhecem. Seus livros não mais se reeditam e certamente sua visão da História não mais atenderia ao que hoje se procura nos estudos históricos. Seria, assim, no consenso comum, um autor ultrapassado (se é que haja algum autor a quem sinceramente se possa atribuir tal qualificativo). No entanto, nem sei quantas gerações de brasileiros encontraram nos seus livros o que conseguiram saber sobre a nossa História. Seus livros didáticos ou paradidáticos foram realmente os mais adotados durante muitos anos e eram realmente os lidos com mais gosto. Porque Rocha Pombo não se dedicou apenas à História. Foi pelo Jornalismo e pela Literatura que começou. Andrade Murici, em seu livro sobre o movimento modernista no Brasil coloca-o entre as figuras capitais dessa corrente literária.

José Francisco da Rocha Pombo nasceu na cidade paranaense de Morretes aos 4 de dezembro de 1857 e na sua cidade viveu até 1880, lecionando e publicando seus primeiros trabalhos literários. Transferiu-se para Curitiba, onde publicou, em 1882 seu primeiro livro **A honra do Barão**, que foi transcrito em folhetim num jornal de Montevidéu. A esse primeiro livro seguiram-se **Dadá** e **A supremacia do ideal**, ambos de 1882, e **A Religião do Belo**, que é do ano seguinte. Residiu algum tempo em Castro, onde editou o semanário "Eco dos campos". De volta a Curitiba, teve intensa participação na vida da cidade e do Estado, inclusive como deputado; nesta qualidade, trabalhou muito pela criação de uma Universidade no Paraná, mas só em 1912 a idéia, graças aos esforços de Nilo Cairo e Vitor do Amaral, tomou corpo, tornando-se assim Curitiba a primeira cidade brasileira a ter uma Universidade.

Em 1897 mudou-se para o Rio de Janeiro, onde viveu até o seu falecimento, em 1933. Na então Capital Federal ligou-se ao grupo

simbolista (constituído de muitos coestaduanos seus) e também aos grupos socialistas, o que constituiu um traço significativo de sua personalidade. Diplomou-se pela Faculdade de Direito e iniciou a publicação de suas numerosas obras históricas: em 1900, a **História da América e O Paraná no centenário**, talvez seu melhor trabalho histórico. Mas, não abandonou a literatura, pois data de 1905 **No Hospício**, considerado pela crítica sua melhor obra literária.

Data de 1911 sua **História de São Paulo**, que alcançou várias edições, tendo sido adotaða oficialmente nas escolas públicas paulistas. Nessa mesma orientação, de “resumos didáticos”, publicou uma **História do Brasil**, largamente utilizada nas escolas, e também uma **História do Rio Grande do Norte** e, bem mais tarde (1930), uma **História do Paraná**.

Em 1907, empreendeu a elaboração de uma vasta **História do Brasil**, que compreendeu dez alentados volumes, e cuja publicação só foi ultimada em 1917. Sua obra não foi bem recebida pela crítica e pelos demais historiadores que nela viram apenas um trabalho de compilação, embora muito bem feito, mas sem nada de original, pois Rocha Pombo não era dado a pesquisas arquivais, consideradas hoje fundamentais para qualquer trabalho histórico. Além do mais, a obra foi muito prejudicada graficamente, o que levou o próprio autor a preparar uma edição abreviada, em cinco volumes, que, aliás alcançou duas edições, mas prejudicados, pois deles foram suprimidas as notas que, na realidade, era o que valorizava a edição original.

O saudoso historiador paranaense Brasil Pinheiro Machado, assim se refere à obra de seu coestaduanos: “**A História do Brasil** de Rocha Pombo é uma longa meditação sobre os trabalhos de história nacional escritos por muitos historiadores, cronistas, pesquisadores. Repete, em milhares de páginas o quadro factual da historiografia de Varnhagen, mas coloca os grandes temas da história social brasileira, temas que seriam retomados pelos historiadores sociais desde a década de 20 até nossos dias. Não que estes historiadores sociais tenham lido a **História** de Rocha Pombo. Ele nunca é citado nem nunca foi criticado em crítica científica. Sua obra foi realmente encerrada no silêncio imposto pelo prestígio de Capistrano de Abreu e de seus continuadores.

E quando o fascínio científico da história positivista se diluiu, já sua obra parecia desatualizada, embora seus temas adquirissem grande atualidade.

O próprio Rocha Pombo vai se autocriticando na seqüência dos doze anos de trabalho para escrever sua **História**. Os últimos volumes são mais ordenados, neles o leitor sente mais presente as suas grandes dúvidas e sua crítica é mais livre das influências que quase o assoberbaram nos primeiros volumes. Ao escrever o último capítulo do nono volume (que é realmente o último, porque o décimo volume é um conjunto de documentos sobre a primeira década da República), Rocha Pombo olha melancólica e saudosamente para os onze anos passados, sugerindo que tinha vontade de reescrever toda aquela história. Mas se o fizesse, não seguiria aquele caminho que tinha seguido, que foi o já trilhado na grande historiografia de Vernhagem. Seguiria outro, o de uma explicação da história de um povo no seu aspecto sempre presente de um processo de criação constante. Não seria mais método da narrativa, mas pela determinação e análise dos processos fundamentais pelos quais o povo brasileiro criou sua civilização”.

Quando, há pouco, escrevemos que nenhum dos livros de Rocha Pombo havia merecido reedição recente, cometemos um lapso: em 1980 reeditou-se pela Editora José Olympio, em convênio com o governo do Estado do Paraná, o livro de 1900, **O Paraná no centenário**. O “centenário”, a que se refere o título é o quarto centenário do descobrimento do Brasil. Em geral, quando se emprega apenas a palavra “centenário”, sem qualquer especificação numérica, supõe-se o primeiro. Daí, muita gente menos avisada ter pensado que o título do livro de Rocha Pombo deveria referir-se ao centenário da Independência.

Essa reedição do precioso livro, já se disse talvez a melhor obra do historiador no campo da historiografia, traz uma excelente introdução do já citado Professor Brasil Pinheiro Machado, da qual extraímos o seguinte conceito sobre a obra:

“Nesse livro tão significativo Rocha Pombo recorda a cultura popular, os modos de trabalho da população, os folguedos das classes populares, a criação e o desenvolvimento da cultura intelectual, o caráter das lutas políticas pelo poder local, a renovação social ocasionada pela imigração européia, a construção das estradas de ferro, o sistema

de educação, as bibliotecas, os teatros. O resultado é o retrato de corpo inteiro de uma sociedade provinciana com cultura própria, como houve em tantas partes do Brasil, antes que as sociedades locais se transformassem em periferia de centro cultural e político abstrato.”

No seu último ano de vida, teve Rocha Pombo a glória de ser eleito para a Academia Brasileira de Letras, na vaga de Alberto de Faria, mas, infelizmente não chegou a tomar posse, pelo seu estado, que lhe causou a morte, em 26 de junho de 1933.

Lembramos, para encerrar, que de **O Paraná no centenário** foram extraídos os excertos da “Seleta”, que segue esta nota

BIBLIOGRAFIA DE ROCHA POMBO

- A Honra do Barão. 1881.
- A supremacia do ideal. 1882
- Dadá. 1882.
- A Religião do Belo. 1883
- Nova crença. 1889.
- A Guaíra. 1891.
- Petruccello. 1892.
- Visões. 1892.
- In Excelsis. 1895.
- Marieta. 1896.
- História da América. 1899.
- O Paraná no centenário. 1900.
- O grande problema. 1900.
- No Hospício. 1905.
- Contos e Pontos. 1911.
- Nossa Pátria. 1914.
- Dicionário de sinônimos. 1914.
- História do Brasil, 10 volumes 1907-1917.
- História de São Paulo. 1918.
- Notas de viagem. 1918.
- História do Brasil. 1921.
- História do Rio Grande do Norte. 1922.
- Instrução Moral e Cívica. 1922.
- História do Paraná. 1930.

O volume VI, da série “Autores e Livros”, suplemento literário de “A Manhã”, do Rio de Janeiro do dia 5 de março de 1944, foi quase todo dedicado a Rocha Pombo, com números escritos de sua lavra, quase todos extraídos de revistas do Rio de Janeiro.